

**O silêncio das entoadas da Folia dos Santos Reis no Morro do Abrigo.
Impacto do isolamento social nas práticas religiosas.**

The silence of the chants of the Folia dos Santos Reis in the Morro do Abrigo.
Neighborhood - impact of social isolation on religious practices.

Rosangela Dias da Ressurreição*

Recebido: 15/05/21

Aprovado: 22/06/21

Resumo

O artigo pretende examinar alguns objetos que possuem uma representação do “sagrado” na festa religiosa popular Folia dos Santos Reis no bairro do Morro do Abrigo, localizado no município de São Sebastião, região litorânea do Estado de São Paulo. Selecionamos a Bandeira por compreender ser ela o elemento identitário dessa manifestação religiosa. Buscamos problematizar a permanência dessa tradição cultural, apresentando seu caráter de resistência cultural frente ao isolamento social imposto pela Pandemia da COVID-19. O trabalho inscreve-se no campo da Religião Material. Utilizamos a etnografia, como observadora participativa, para descrever a vida tal como é vivida e experimentada por uma comunidade, em um tempo e lugar determinado.

Palavras-chave: Religião Material; Festa Popular; COVID-19.

Abstract:.

The article intends to examine some objects that have a representation of the “sacred” in the popular religious festival, Folia dos Santos Reis, in the neighborhood of Morro do Sheldo, located in the municipality of São Sebastião, a coastal region of the State of São Paulo. We selected the Flag for understanding, it being the identity element of this religious manifestation. We seek to problematize the permanence of this cultural tradition, presenting its character of cultural resistance in the face of the social isolation imposed by the Pandemic of COVID-19. The work is part of the field of Material Religion, we use ethnography, as a participative observer, to describe life as it is lived and experienced by a community, in a specific time and place.

Keywords: Material Religion; Popular Religiosity; COVID-19.

Introdução

O estudo se inscreve no campo da Religião Material e procura examinar alguns objetos

* Rosangela Dias da Ressurreição, Mestre em História Social pela PUC/SP e doutoranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, na mesma universidade. É membro do Grupo de Pesquisa Religião e Cidade, na mesma universidade. É bolsista da CAPES - na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior. E-mail: roseress@uol.com.br

que possuem uma representação do “sagrado”. Para tanto, selecionamos a Bandeira da Folia por entender ser ela um elemento identitário desta festa religiosa popular no município de São Sebastião, região litorânea do Estado de São Paulo. Assim, o objetivo proposto foi o de problematizar a permanência dessa tradição cultural, apresentando seu caráter de resistência cultural frente ao isolamento social imposto pela pandemia da COVID-19.

A COVID-19, segundo o Ministério da Saúde, é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, o qual apresenta um espectro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros graves (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020), e foi diagnosticado no Brasil em 23 de fevereiro de 2020, quando o mundo conheceu um “inimigo invisível”. O coronavírus trouxe consigo a realidade da fome, da miséria, do desamparo, do abandono social, da invisibilidade das populações de rua, dos refugiados e de tantas outras situações de vulnerabilidade social.

Esse cenário de isolamento social causado pela pandemia, impedirá a realização dessa festa religiosa popular que rememora a narrativa de Mateus 2,1-12 sobre os magos que teriam visitado o menino Jesus, dando visibilidade à fé pelo ritual, revelando a importância da vida devocional e social dos moradores do Morro do Abrigo na cidade de São Sebastião, do Litoral Norte do Estado de São Paulo.

Este estudo pretende refletir sobre o impacto do isolamento social na festa da Folia, os reflexos e as estratégias criadas frente a essa realidade, de uma festa que se espalha, derramando-se pelas ruas, que visita casas e aglomera devotos na procissão realizada pelos muitos foliões e moradores do bairro percorrendo as ruas, de pouso em pouso, até o dia 6 de janeiro, dia dos Santos Reis e que, em decorrência desse cenário pandêmico, esse movimento não poderá acontecer.

Na busca pelos foliões mais antigos, fez-se uma seleção de entrevistados, sendo eles: o Mestre Jurandir Cândido; folião Laudei Cândido; o festeiro do ano de 2020 Heitor Rogério Rodrigues; senhor Laurindo Rosa Santos, que foi festeiro por várias vezes; o contramestre Jaime Cândido. Entre as mulheres engajadas no universo das Foliás foram entrevistadas: Lindalva Cândido, que foi festeira em 2019; e Maria Rodrigues Albano que é a coordenadora da Bandeira. Essas entrevistas foram realizadas entre setembro e outubro de do referido ano, os diálogos e relatos continuaram por via eletrônica¹.

¹ Por solicitação dos entrevistados, manteremos os seus nomes ao longo do artigo.

1. Fazendo a festa

As festas religiosas populares são o meio pelo qual os homens expressam sua cultura, que embute intrinsecamente seus conhecimentos, técnicas, artefatos, padrões de comportamento e atitudes. Como aponta o autor Talad Asad, a festa é pensada aqui “como um ritual, enquanto é uma atividade simbólica ao contrário do comportamento instrumental do dia-a-dia” (ASAD, 1993, p.55).

Ressaltamos que o conceito de festas religiosas populares é marcado por inúmeras controvérsias e discussões referentes à conceituação advindos tanto das áreas da História, das Ciências Sociais, bem como das Ciências das Religiões. Com a Nova Geografia Cultural, em especial com a Geografia da Religião, esse tema vem aparecendo no cenário das pesquisas, voltando-se ao tempo e aos espaços especiais que surgem devido a tais festividades.²

Para Norbeto Luiz Guarinello, festa é uma ação coletiva que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado, e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes. (GUARINELLO, 2001, p.972)

Carlos Rodrigues Brandão entende que a festa popular pode ser desde um ritual simples até uma configuração interativa de rituais que acontecem em simultâneo, ou em uma sequência. Logo, o que caracteriza a festa é ela ser um evento coletivo de ruptura da rotina da vida cotidiana. É uma das manifestações culturais e religiosas mais relevantes dos moradores do Morro do Abrigo, mantida até hoje por seus descendentes.

A Folia de Reis surgiu no Brasil no século XVI, por volta do ano de 1534, por meio dos Jesuítas, como crença divina para catequizar os índios e posteriormente os negros

² A Geografia da Religião, como área do conhecimento, estuda as relações entre a religião e espaço criando um *corpus* teórico fundamental para o seu desenvolvimento. No Brasil ainda pode ser considerada como campo emergente. Porém em consequência dos trabalhos dos professores Sylvio Fausto Gil Filho (NUPPER-UFPR) e Zeny Rozendahl (NEPEC-UERJ) a Geografia da Religião brasileira vêm ganhando relativa notoriedade. Para uma apreensão conceitual de Geografia da Religião, ver SILVA, A. S. e GIL FILHO, S. F. *Geografia da Religião a Partir das Formas Simbólicas em Ernst Cassirer: Um Estudo da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil*. In: Revista de Estudos da Religião junho/2009, pp. 73-91, e GIL FILHO, S. F. Geografia da Religião. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. (org.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.

escravos. Dessa forma, a Folia de Reis brasileira passou a ser composta pelas manifestações culturais de diversas etnias e povos, com variações regionais, seja quanto ao estilo, ao ritmo e ao som, entretanto, mantendo a crença e devoção ao Menino Jesus, a São José, à Virgem Maria e aos Reis Magos.

Assim ocorre na prática de religiosidade dos moradores do Morro do Abrigo com a realização da Folia de Reis, que inclui a parte ritualística, quando ocorrem atos devocionais, profissões de fé, cortejos, distribuição de bençãos, brincadeiras dos palhaços e, ainda, quermesses, barraquinhas, música, dança, comidas e bebidas, que são elementos constituidores das festas populares. A Folia de Reis é uma festa religiosa popular que se desenvolveu e sobreviveu no litoral, por intermédio de famílias da cidade de São José do Barreiro, revelando comportamentos próprios da cultura do interior. Os ritos, as cerimônias, festas e devoções, representam a vida do povo. Nesse sentido, o autor Émile Durkheim ensina que:

A própria ideia de cerimônia religiosa de alguma importância, desperta naturalmente a ideia de festa. Inversamente, toda festa, apresenta determinadas características de cerimônia religiosa, pois em todos os casos, tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes até de delírio que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. O homem é transportado para fora de si mesmo, distraído de suas ocupações e de suas preocupações ordinárias. Assim, de ambas as partes se observam as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que restaurem o nível vital, etc. Observou-se muitas vezes que as festas populares levam a excessos, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito, o mesmo se dá com as cerimônias religiosas que determinam uma necessidade de violar as regras normalmente mais respeitadas (DURKHEIM, 1989, p.456).

Jurandir Cândido, Mestre da Folia, em entrevista realizada na sede da Folia dos Santos Reis, conta que:

A primeira Bandeira veio com dona Rosa Gertrudes, e o Mestre que a acompanhava era senhor Mario Cândido e seu irmão Vicente Cândido. A primeira festa data de 1953. Dona Maria Rodrigues, filha de dona Rosa, (e o pai de Jurandir) eram os coordenadores do grupo das crianças, entre elas o próprio Jurandir e seus irmãos; as crianças aprendiam a tocar e afinar os instrumentos, cantar e brincar. Por motivo de doença a Bandeira de dona Rosa parou de fazer a festa por um bom tempo. Após esse intervalo de tempo, os grupos das crianças, agora jovens, com uma nova Bandeira confeccionada por dona Maria Albano e com o mesmo Mestre Mario Cândido, reiniciaram a festa.

A festa, como a da Folia do Morro do Abrigo, supera definições limitadas de espaços de sociabilidades, ou de devoções, ou de transgressão, ou lúdico, ou ritual, e se revela como conjunto destas características, possibilitando a compreensão das possíveis contradições, revelando os espaços de identidade comunitária.

2. O espaço sacralizado da festa: o Morro do Abrigo

Kim Knott, que trabalha com religião contemporânea e o conceito de “sagrado secular” e sua inter-relação com o espaço/local, aponta que o corpo é fundamental para a experiência e representação tanto do espaço quanto do sagrado, e assinala que “todo espaço é a soma de suas características materiais, as pessoas que vivem e trabalham nele e se movem através dele, e as muitas representações e discursos associados. Pode ser que a religião esteja identificável nas relações sociais e nas controvérsias públicas que constituem a rua” (KNOTT, 2005, p.160).

O município de São Sebastião³ possui área aproximada de 401 km² e uma população fixa de 78.000 habitantes. Sua ocupação colonial remonta a fins do século XVI e início do século XVII, época em que foram doadas as primeiras sesmarias na região, hoje nos limites do município. Entre outras praias e bairros que compõem a cidade de São Sebastião, destaca-se o bairro de São Francisco, cujo primeiro nome era Itararé do Ribeirão, em menção ao rio que passava nos fundos do Convento Franciscano. Entre os moradores, houve um fazendeiro possuidor de grandes extensões de terras e devoto de São Francisco, Santo Antônio e Nossa Senhora do Amparo, que em 20 de março de 1658 doou “cem braças de terra começando do mar salgado correrão para o sertão tudo quanto nossas escrituras reza, com águas vertentes e tudo mais que possuímos, declarando que como as casas, em que moramos com toda a nossa família”⁴. Nesse território foi erguido o Convento Franciscano em homenagem a Nossa Senhora do Amparo. A obra terminou em 1664, sendo que em seu entorno surgiu o bairro.

Até mesmo hoje é muito clara a distinção entre o bairro de São Francisco e os demais bairros do município, como um núcleo que surgiu quase que simultaneamente ao centro

³ O Litoral Norte Paulista é composto por quatro municípios: Ilhabela, São Sebastião, Caraguatatuba e Ubatuba

⁴ Escritura registrada no Livro de Notas do Tabelião Baltazar Rodrigues da Silva, fls 4. Livro de Tombo G. IV. Fls 115 v., localizado no bairro de São Francisco.

da cidade. Este núcleo se mantém com características muito próprias nas questões culturais e políticas. Historicamente, o Morro era lugar de plantações de pequenos roceiros (pescadores e agricultores) conhecido como Morro do Abrigo: era a parte rural do bairro de São Francisco, sendo ocupado lentamente nas décadas de 50 e 60 do século passado, por famílias advindas da cidade de São José do Barreiro, interior do Estado de São Paulo⁵.

Lindalva, filha do Mestre Mário Cândido, revela que a Folia veio de São José do Barreiro com dona Rosa Gertrudes, que trouxe a primeira Bandeira e convidou o senhor Mário Cândido, que havia sido Mestre da Folia em São José do Barreiro, para ser o Mestre da Bandeira⁶. Outros membros da família vieram para o litoral e o Morro do Abrigo foi abrigando as famílias. Assim como a Bandeira dos Santos Reis que “vai abrindo as moradas, sendo bem-vinda e louvada”, surge uma comunidade ligada pelas práticas religiosas populares e sociais de solidariedade.

Roger W. Stump, em sua obra *Geografia da religião: fé, lugar e espaço*, aborda os significados e usos do espaço sagrado. O autor define o espaço sagrado como sendo o espaço entendido em termos explicitamente religiosos pelos crentes que o reconhecem e usam, e ainda destaca que:

Talvez mais significativamente, no entanto, a crença religiosa informa os significados básicos que os adeptos atribuem a muitos dos espaços que constroem e usam, de modo que os próprios espaços representam articulações ou extensões da fé dos adeptos. Este processo ocorre mais claramente em relação ao espaço sagrado, ao quais os crentes atribuem significado religioso explícito, muitas vezes transcendente. O espaço sagrado, em essência, manifesta os cosmos sobrenaturais imaginados que são englobados pela visão de mundo dos adeptos (STUMP, 1951, p.222).

É nesse espaço determinado do Morro do Abrigo que acontece a Folia dos Santos Reis, onde se podem observar a fé e as práticas de religiosidade, articuladas ao contexto amplo das relações e vivências da comunidade. A festa é um espaço que possibilita uma análise da religiosidade popular, sua relação dinâmica por meio da interação entre os diferentes segmentos da sociedade.

⁵ São José do Barreiro é um município no leste do estado de São Paulo, na microrregião de Bananal. A população estimada em 2019 era de 4.147 habitantes. Disponível em: www.saojosedobarreiro.sp.gov.br. Acesso em 12 out. 2020.

⁶ Lindalva Cândido é filha de Mario Candido, primeiro Mestre da Folia dos Santos Reis do Morro do Abrigo. Entrevista realizada em 06 de setembro de 2020.

3. Materialidade da Folia dos Santos Reais

Mestre Jurandir Cândido abre a entrevista realizada na sede do Folia com uma entoada e ressalta que os cânticos da Folia dos Santos Reis referem-se ao nascimento do Menino Jesus e a visita dos Reis Magos⁷. No desenvolvimento do ritual sagrado, os versos são cantados em toada para atender as necessidades dos participantes e, também, para refletir a realidade das famílias que o grupo está visitando.

Jurandir Cândido ensina que é tarefa do mestre cantor puxar as toadas e fazer com que seu grupo o siga. Os versos cantados fazem referências à visita dos Reis Magos e o nascimento de Jesus, que se encontra na Bíblia, no livro de Mateus. No entanto, suas letras variam somente nos rituais, os quais podem ser: de chegada a uma casa (consulta ao dono, entrega da Bandeira ao mesmo e entronização da Bandeira); de louvação (pedindo licença para entrar, louvação aos moradores, pedido de esmolas e agradecimento); o encontro de folias, como, por exemplo, o que ocorre anualmente no evento “Revelando São Paulo”. Agora, as Folias presentes obedecem a um minucioso cerimonial, composto de saudação, do beijo das Bandeiras e da esmola; o encontro com um pobre ou na visita a uma família pobre (em vez de receber o donativo e agradecer, a Folia oferece uma esmola e se despede); festa de encerramento – baile e entrega da Bandeira.

Quando se tem que decidir por onde começar a estudar uma religião, devem-se buscar seus objetos, dimensionar seus espaços, vislumbrar sua arquitetura, e observar os corpos que nela se movimentam, fazendo, assim, uma descrição detalhada dessas dimensões – as práticas e usos que as envolvem – para se perceber que em pouco tempo se terá a obrigação de tratar dos significados, das representações, dos discursos, enfim, dos planos menos materiais do que aqueles com os quais se começa. O conjunto desses planos é que constituirá a ideologia semiótica de uma religião específica, com suas correspondentes formas sensoriais.

Birgit Meyer registra que a categoria materialidade tornou-se um termo quase mágico nos estudos atuais das ciências sociais e humanidades. Em alemão, o termo materialidade pode ser desdobrado ainda mais como *stofflichkeit* (substancialidade), *dinglichkeit* (coisidade), *körperlichkeit* (corporeidade), e *wesentlichkeit* (referindo-se ao

⁷ Continuação da entrevista realizada com o Mestre Jurandir em 06 de setembro de 2020

que é essencial, substancial, importante). De um jeito ou de outro, a defesa da materialidade indica a necessidade de prestar atenção urgente a um mundo de objetos real e material e a uma textura de experiência vivida e corporificada (MEYER, 2019, p. 88).

Os editores de *Material Religion* declararam, segundo apresenta Birgit Meyer, que:

Materializar o estudo da religião significa perguntar como a religião acontece materialmente, o que não deve ser confundido com a pergunta bem menos útil de como a religião é expressa na forma material. Um estudo material da religião começa com a suposição de que as coisas, o seu uso, a sua valorização seu apelo não são nada que se acrescenta a uma religião, mas sim algo dela indissociável (MEYER, 2019, p. 95).

Segundo Daniel Bitter, um dos traços da nova configuração intelectual é o uso da palavra “materialidade”, seja no singular ou no plural. No livro *A alma das coisas*, seu autor deixa claro o que entende por materialidade: “quando aqui a utilizamos, não pretendemos designar um dado natural ou um atributo intrínseco aos objetos e lugares descritos e analisados. Trata-se de uma categoria, portanto, compreensível enquanto se possam entender os diversos contextos socioculturais em que é usada e de que forma específica” (BITTER, 2013, p.9).

Para estudar a religião, é preciso reconhecer a realidade fenomenológica da experiência religiosa como sendo fundamentada em sensações corporais, uma proposta de que a experiência das coisas é ela mesma, conceitual, expressando regimes específicos na relação sujeitos e objetos” (GIUMBELLI; RICKLI; TONIOL, 2019, p. 104).

A fé presente na festa religiosa popular da Folia dos Santos Reis do Morro do Abrigo é tangível nos objetos religiosos materiais. Neste artigo destacamos a Bandeira da Folia, a qual é colocada em um mastro ornamentado por flores artificiais e fitas coloridas, não separando a materialidade e a imaterialidade, mas sim, observando como esse objeto religioso, a Bandeira da Folia, não apenas desempenha a função de marcador de identidades individuais e coletivas, como também contribui decisivamente para a sua constituição e percepção subjetiva.

A materialidade da fé na Folia dos Santos Reis é apresentada por: a indumentária florida e enfeitada de fitas coloridas, a Bandeira e as máscaras, os instrumentos, o presépio, o altar, o terço, as cantorias e a coreografia que ultrapassam os interiores das casas, que se

esparramam pelas ruas do bairro com todos seus objetos e símbolos. Este foi o estímulo para pesquisar como essa manifestação religiosa popular, que se derrama pelo bairro, irá se realizar frente ao isolamento social imposto pela pandemia.

Se, por um lado, é possível argumentar que materiais sempre estiveram no horizonte de reflexões de cientistas sociais da religião, por outro, é inegável que o deslocamento proposto instituiu novidades para o próprio modo de definir religião e, talvez principalmente, também para o modo de pesquisá-la. Como vimos, Birgit Meyer assinala que “materialidade se tornou um termo quase mágico nos estudos atuais das ciências sociais e humanidades [...] a defesa da materialidade indica a necessidade de prestar atenção urgente a um mundo de objetos real e material e a uma textura de experiência vivida e corporificada” (GIUMBELLI; RICKLI; TONIOL, 2019, p.88).

Ao se referir à “religião material”, fazemos referência à possibilidade de considerar a religião a partir de suas formas materiais e do uso que se faz desses materiais na prática religiosa. Trata-se de um movimento que reage ao entendimento da religião e da prática religiosa como fenômenos cognitivos, que ocorreriam inicialmente no plano das ideias e, posteriormente, se projetariam em representações materiais.

Birgit Meyer ensina que se deve colocar o estudo da cultura material religiosa dentro de uma reflexão mais ampla sobre as condições sob as quais a materialidade foi marginalizada conceitualmente, tanto entre estudiosos quanto no âmbito das tradições religiosas, bem como para apontar as possibilidades e questões empíricas e conceituais que se abrem à medida que a materialidade retorna ao estudo da religião. Este estudo mostra que, ao chamar a atenção para as “coisas” (mais do que apenas “objetos”) no campo da religião, abre-se um amplo campo de investigação.

Um estudo robusto da materialidade não se limitaria às imagens e aos objetos, mas consideraria todos os sentidos (olfato, paladar, som, tato e visão), interpretados diferentemente por diferentes culturas. No campo da História Cultural, Igor Junqueira Cabral se propõe a analisar como a fé presente no catolicismo popular da Folia de Reis de Itaguari, no Estado de Goiás, se materializa, e como as pessoas lidam com o sagrado, a partir de sua tangibilidade material. O pesquisador lançou um olhar sobre a “materialidade do sagrado” nas Folias de Reis de Itaguaí, enquanto elemento identitário local (CABRAL, 2019). A Bandeira, o altar e os demais objetos sagrados que compõem os ritos da Folia trazem para a pesquisa um campo de estudo da religião material, sendo

que esses objetos alcançam importante influência sobre os comportamentos dos devotos e o próprio desenvolvimento da festa.

Nessa seara, Alfred Gell questiona se podem os objetos ser atores não só metodologicamente, mas de forma efetiva. O autor ainda argumenta que, em muitas sociedades, os objetos podem ter “agência”; as pessoas podem reconhecer neles intenções e, também, vê-los como sujeitos da ação social. Pode-se revelar a agência do objeto, ou seja, que ele faz pensar, dizer ou fazer, pois ele é reapropriado, não só como uma extensão da “agência da pessoa distribuída” dos seus criadores, mas na sua relação particular com o tempo e o espaço, e na resistência que essa relação faz evidente. Para o autor, a definição de agência envolve a concepção de um agente que é fonte de sequências de ações (GELL, 1998, p. 16).

David Morgan ensina que as religiões consistem em sentimento, sensação, implementos, espaços, imagens, roupas, comida e todas as categorias de práticas corporais relacionadas a coisas como oração, purificação, alimentação ritual, adoração corporativa, estudo privado, peregrinação e assim por diante. O autor diz ser preciso ampliar nossa estrutura para que se possa compreender quais as religiões são fundamentalmente corporificadas em formas materiais de prática, nas quais as coordenadas da vida social, como gênero, poder, classe, valor e relações sociais, são definidas e vivenciadas em termos materiais. A forma da materialidade são teias, nas quais os objetos, espaços e pessoas são os nós dentro dessas teias, que medeiam as relações entre indivíduos, grupos e redes inteiras.

Para o Mestre Jurandir Cândido a Folia dos Santos Reis “é um auto popular que procura rememorar a jornada dos reis para visitar o menino Jesus, dias após seu nascimento. Segundo o Evangelho de Mateus, os reis magros seguiram a estrela até Belém”. Já para outros, a Folia de Reis começa com o primeiro relato da aparição das personagens principais nas passagens bíblicas que abordam o nascimento de Jesus Cristo. Jurandir esclarece, ainda, que o entendimento da Folia remete ao profeta Isaías e aos evangelistas. Observa-se que as relações de fé entre os participantes da tradição e os seres divinos (Deus, Jesus, Família Sagrada, e os Reis Magos) inspiram o imaginário criativo e religioso.

Sebastião Rios afirma que:

O termo Folia já existia no século XVI – aparece, por exemplo, no Auto de Sibila Cassandra, de Gil Vicente – e denominava uma dança

viva ao som de pandeiro e canto, representando os próprios Reis que vão adorar o menino Jesus. Sua origem está no drama sacro encenado nas igrejas no Natal, durante a Idade Média (RIOS, 2006, p.66).

A tradição da Folia de Reis completa seu triângulo de fé, na Jornada Sagrada⁸, onde os participantes revelam uma relação espiritual especial entre o homem e o divino.

Lindalva relata sobre o momento da Jornada Sagrada de forma emocionante: “as pessoas ficam esperando a visita da Bandeira. As pessoas ficam esperando o Santo Reis em suas casas; eles enfeitam os presépios; a chegada dos foliões é esperada com emoção”. Lindalva foi uma festeira em 2019 e aduz sobre sua experiência: “nós chegamos a uma casa que tinha uma pessoa de cadeira de rodas: as pessoas levantaram o cadeirante e cantaram felizes”.

Continuando com as palavras de Lindalva, um fato aconteceu na Jornada de 2019 que foi para ela um registro da força da fé no menino Jesus, e que se pode afirmar serem manifestações espontâneas de fé:

Nós levamos fogos e quando chegamos lá na roça da cidade de São José do Barreiro, o diretor da Folia começou a soltar fogos, o fogo pegou no canavial do dono da casa e queimou tudo. O homem ficou bravo e neste momento entrei no ônibus com mais três mulheres que são da oração, e oramos com ele e viemos embora. Depois ele nos disse que o canavial nasceu mais bonito do que antes do incidente.

Observa-se que uma das marcas da Folia de Reis do Morro do Abrigo é a forte religiosidade de seus participantes e a relação de fé que eles têm com os objetos pertencentes à Folia, considerados seres divinos. Lindalva destaca o papel milagroso que a Bandeira possui na Folia dos Santos Reis. A primeira Bandeira foi criada por dona Rosa Rodrigues, a qual se encontra no arquivo público. A Bandeira atual foi confeccionada por dona Maria Albano, e fica na casa dela até o momento de saída. Todos os devotos passam pela casa de dona Maria Albano e ajoelham diante da Bandeira, beijando-a e cobrindo suas cabeças. Laurindo Rosa Santos, mais de 50 anos como devoto, acredita no poder divino da Bandeira. Para ele, “estar junto à Bandeira é

⁸ Jornada Sagrada significa a realização de longos deslocamentos festivos, quando os grupos de cantores visitam as casas do bairro e outros municípios. Na sua integridade uma Jornada da Folia engendra atividades que poderiam ser definidas como a repetição contínua de uma mesma série em três anos: uma preparação (os trabalhos coletivos que antecedem as ações rituais), uma apresentação (são os cerimoniais comandados pelos foliões) e um arremate (a distribuição de comida, os bailes que ocorrem depois das apresentações).

um momento religioso, um sentimento de fé pela Bandeira; é sentida por todos como presença divina.”⁹

A Jornada, ou seja, a visita nas casas se reveste de muita emotividade, visto que os devotos são quem solicitam a visita da Bandeira, e se sentem como quem recebe as próprias entidades espirituais representadas na Bandeira da Folia dos Santos Reis.

O Mestre Jurandir explica que “a Jornada sai em dezembro. São muitas casas que manifestam interesse em receber a Folia. A casa oferece um jantar e dormida. O grupo vai à casa e faz a apresentação cantando e agradecendo na despedida”. O primeiro ato simbólico da jornada, que marca o início do ritual é a “tirada da Bandeira sagrada” da casa do festeiro.

Lindalva, que foi a festeira em 2019, afirma que “acontecem coisas que nos emocionam e só quem teve essa experiência pode contar”:

Eu vi coisas o ano passado que foi gratificante [...] a fé é fortalecida pela visita da Bandeira, as pessoas acreditam serem curadas, outras acreditam que a lavoura que está com dificuldades ficará boa; quando o Mestre ora, o Mestre entoava os versos de devoção. Ano passado, estávamos partindo da Jornada em Bocaina, interior de São Paulo, apareceu uma mulher devota de 70 anos gritando e pedindo para nós irmos à casa dela porque precisava de cura.

Em Brotas, a Bandeira foi recebida com muita alegria e tudo foi doado, desde a alimentação da melhor qualidade ao descanso, diz senhor Laurindo Rosa Santos (Jornada de 2019). É a Bandeira o símbolo máximo do culto dos Santos Reis, pois ela é o ponto focal de uma circulação de outros objetos, como fitas coloridas, santinhos, crucifixos, fotografias, dinheiro. São objetos oferecidos pelos devotos. A Bandeira da Folia dos Santos Reis do Morro do Abrigo se diferencia pelo fato de ostentar apenas a imagem do nascimento do menino Jesus e os Reis Magos, ornamentada com fitas coloridas. Daniel Bitter destaca que “estas coisas são certificados da presença divina na vida diária das pessoas, enquanto são oferecidas em pagamento de promessas. Estão ali para serem oferecidos publicamente, reiterando e validando a influência dos santos sobre o mundo” (BITTER, 2013, p.137). O autor tem realizado pesquisas etnográficas das festividades dos Reis Magos no Estado do Rio de Janeiro e descreve a Bandeira

⁹ Os entrevistados da pesquisa estavam todos reunidos na sede da Folia no Morro do Abrigo, onde estive para esta roda de conversa. Mestre Jurandir Cândido, Folião Heitor Rogério Rodrigues, Laudior Cândido, Jaime Cândido (contramestre), Coordenadores da Bandeira Maria Rodrigues Albano, Lindalva Silva de Oliveira.

como sendo um suporte sobre o qual são ostentadas imagens de Santos católicos e representações pictóricas de narrativas bíblicas, como os Reis Magos e a Sagrada Família. Comenta, ainda, que esses: “são objetos que se aproximam pela capacidade de realizar mediações, bem como de produzir efeitos sobre as pessoas, revelando-se ambivalentes, simultaneamente materiais e imateriais, objetivos e subjetivos” (BITTER, 2013, p.125). Entende-se, então, ser uma proposta de se pensar os objetos materiais não apenas a partir de funções utilitárias, mas como mediadores da vida social.

O Mestre Jurandir descreve que a Bandeira da Folia do Morro do Abrigo “carrega o símbolo da imagem do menino Jesus e dos três Reis Magos. Ela possui embaixo da imagem muitas fitas coloridas. A Bandeira recebe o ramalhete pelas mãos da festeira, quando a Folia está realizando a Chegada, no momento em que o cortejo passa pelo segundo arco. Assinala que durante o tempo em que a Folia está se preparando, ou seja, durante o ano inteiro:

a Bandeira dos Santos Reis, é guardada na casa de dona Maria Rodrigues Albano, fica sobre um altar, com as fitas coloridas pendendo sobre ela. As pessoas vizinhas e devotas vão à casa de dona Maria e beijam as fitas da “Bandeira”. Na noite do dia 24 de dezembro é realizada a oração do terço e quando termina, pela manhã de 25 de dezembro, a Folia sai para iniciar suas jornadas.

A Bandeira cumpre a maior parte do ritual da Folia, sendo esta um objeto indispensável para que os foliões desenvolvam os rituais próprios. Não existe Folia sem a Bandeira, e durante o ritual há aspectos observados em relação ao tratamento com esse objeto sacro. A Bandeira, por representar os três Reis Magos, deve sempre ir à frente do grupo. Igor Junqueira Cabral aponta que, durante o giro (nome dado ao cumprimento de uma Jornada pela pelos foliões), apenas os palhaços podem andar à frente da Bandeira. O mesmo autor destaca o tratamento para com a Bandeira, o qual:

é substancialmente importante no que condiz aos devotos, pagadores de promessas e aos foliões. Estes últimos são os agentes que desenvolvem a prática ritual. De fato, a representação dos três Reis no tecido indica que a Bandeira seria o objeto da personificação do próprio santo e com isso deve ser respeitada e também tocada por aqueles que necessitam receber alguma graça ou pagar alguma promessa (CABRAL, 2019, p.04).

Nosso olhar para esses objetos nos direcionam a atenção para a forma como as histórias humanas e dos objetos podem se constituir como uma estratégia metodológica e teórica.

A noção de biografia de objetos remonta a Igor Kopyt, que sentiu que as coisas não poderiam ser totalmente compreendidas em apenas um ponto de sua existência e processos, ciclos de produção, troca e consumo: tinham que ser vistas como um todo. Um objeto pode ser entendido como tendo uma biografia¹⁰. A noção de biografia é aquela que nos leva a pensar comparativamente sobre a acumulação, a relação de significado em objetos e os efeitos mutáveis que eles têm sobre pessoas e eventos (GOSDEN; MARSHALL, 1999). Logo, concordamos que objetos ou coisas habitam, assim como nós, um mundo social, e que existe uma relação indissociável entre o mundo material e os seres humanos, de modo que o inseparável universo que contém pessoas e coisas é pensando na dialética destas relações. Portanto, as coisas não podem existir independentes de nós, que as criamos, do mesmo modo que nós não nos configuramos plenamente sem as materialidades.

Observa-se que, na Festa da Folia dos Santos Reis, todos os objetos podem ser considerados como atores de evocação. Eles podem ser relevantes para os indivíduos, mas também sagrados para eventos coletivos, que mudam significativamente o curso da vida de muitas pessoas. A Bandeira da Folia dos Santos Reis do Morro do Abrigo, costurada por dona Maria Rodrigues Albano, segue nas Jornadas dando proteção divina, assim, pode-se entender que a Bandeira e a Folia possuem dons divinos dos Reis Magos do Oriente, intermediários entre Deus e os homens. A Bandeira é entendida como uma guardiã de histórias de muitas famílias do Morro do Abrigo e, também de herança local dos devotos. Daniel Bitter citou o autor Maurice Godelier em seu trabalho, pois o referido autor aponta que os objetos sagrados:

apresentam-se como fabricados diretamente pelos deuses e o pelos espíritos, ou pelos homens sob indicação dos deuses, ou dos espíritos, mas em qualquer caso os poderes neles presentes não foram fabricados pelos homens. São dons dos deuses ou dos ancestrais, dons de poderes presentes doravante no objeto (GODELIER, 2013, p.206).

Nesse intuito, as obras de David Morgan convidam-nos a examinar as condições que moldam os sentimentos, os sentidos, os espaços e as manifestações da crença, isto é, as

¹⁰ Desde o aparecimento do artigo seminal de Igor Kopyt "A biografia cultural das coisas" em 1986, publicado pela primeira vez no volume editado "A vida social das coisas" a perspectiva biográfica tem se destacado. In: APPADURAI, A. (Org.) *A vida social das coisas - As mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Tradução Agatha Bacelar. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense. Série Antropologia e Ciência Política, v. 41. 2ª edição, 2021.

coordenadas materiais ou as formas a prática religiosa (MORGAN, 2005).

Henri De Vries ensina que as palavras, coisas, gestos, sons, silêncios, cheiros, toques, formas, cores, afetos e efeitos podem ser vistos como elementos do cotidiano, mas eles são o visível e o tangível, as condições vivas capacitadoras do religioso (DE VRIES, 1961, p.86). Em que sentido os legados da religião – seus poderes, palavras, coisas e gestos – estão se articulando e se reconstituindo como as formas elementares de vida no século XXI?

4. Análise do impacto do isolamento social na prática religiosa – ruptura e criatividades

Neste cenário de incertezas em relação à vida, ao mundo e ao futuro, onde a religiosidade se manifesta como possibilidade de superação, ainda que parcial, como criar estratégias para levar às ruas uma festa tradicionalmente realizada, a Folia de Reis do Morro do Abrigo? Festa esta que envolve muitas famílias e moradores quando, a cada ano, se fortalecem os laços de solidariedade e de fé.

O ano 2020 foi marcado de forma indelével pela epidemia da COVID-19, provocada pelo vírus SARS-CoV-2. A doença foi detectada, pela primeira vez, no final de dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China e até junho de 2020 já atingira mais de dez milhões de pessoas no planeta, com 500 mil mortes (MS, 2020).

Neste momento singular de incertezas e inseguranças, vivemos uma crise na saúde mundial, um momento de medo e temor diante de uma pandemia advinda da transmissão do vírus da COVID-19. Em que medida, o isolamento social que se impõe, impossibilitando a realização da Festa da Folia dos Santos Reis, afetará os moradores do Morro do Abrigo?

Patrícia Souza, olhando a religião de uma perspectiva material, investigou o uso de máscaras religiosas, ou seja, máscara confeccionadas com imagens de santos, na possibilidade de compreender a relação entre corpo e objetos. Sustentada pela ideia original de Marcel Mauss sobre técnicas corporais, compreendeu que os objetos são entendidos como extensões do corpo, dado que também os usamos para construir a nós mesmos. Souza ressalta que “às vezes, o corpo pode ser considerado um objeto, no sentido de que é um instrumento, e outras vezes os objetos são corpos, como se fossem membros. Não é o caso das máscaras de proteção individual?” (SOUZA, 2020).

A religião, no entanto, pode ser um modificador, intensificador ou suavizador do poder simbólico da COVID-19 por sua própria agência sobre as pessoas. A pandemia foi interpretada religiosamente de muitas maneiras: fim do mundo, a humanidade está sendo punida, o despertar de Deus, a transição para uma nova era, conforme afirma Souza (SOUZA, 2020).

O Cortejo é a parte da Folia de Reis que possui um significado muito maior do que marchar juntos, pois, naquele momento, as pessoas envolvidas estão irmanadas rumo a uma caminhada espiritual. Com a imposição do isolamento, não havendo essa comunhão, como as famílias da comunidade serão atingidas no seu cotidiano?

Carlos Rodrigues Brandão pontua que uma das figuras mais importantes é o festeiro, pois geralmente é na sua residência que os foliões fazem a “retirada da Bandeira” e também para onde ela retorna no final do “giro”. Mas, pode ser também a residência do Mestre ou ainda, de alguma pessoa, a qual por motivo de promessa mantêm as despesas da Folia. No caso da Folia do Morro do Abrigo, a Bandeira é retirada da casa da coordenadora da Bandeira, como já citado, Maria Rodrigues Albano. A Bandeira parte da casa para tomar as ruas do Morro, e não há um número pré-estabelecido de residências a serem visitadas. Todavia, algum tempo antes da Festa, algumas pessoas já registram seus pedidos de visita da Bandeira. E acordam em receber a Folia e oferecer pouso para o almoço e pouso para o jantar. Afinal como destacou Carlos Rodrigues Brandão “a missão da Folia de Reis é cumprir uma jornada” (BRANDÃO, 1977, p.8). Dessa forma, cabem algumas questões: quais esforços estão sendo elaborados para haver uma acomodação nessa situação de isolamento? A fé materializada na Folia de Reis será superior ao temor do contágio pelo coronavírus?

Laurita Cândido relata que também seu pai estava envolvido na preparação das festas: “o cortejo religioso passa de casa em casa pedindo esmola, cantando e rezando em uma grande oração coletiva, pedindo proteção aos Santos Reis Magos”. A comitiva de foliões percorre todo o bairro a pé, de casa em casa, fazendo a conhecida peregrinação da Bandeira. Na frente dos foliões vem a Bandeira e, segundo explica Laurita Cândido:

a bandeira desempenha, a nosso ver, uma função de aglutinadora e aprofunda as relações de solidariedade e de ajuda já existentes na convivência cotidiana dos moradores do Morro do Abrigo. Ela é toda linda, enfeitada com fitas, flores, papel de seda, e estampada com a imagem dos três Reis Magos. A bandeira é beijada por todos respeitosamente.

A pandemia causada pelo coronavírus impactou o mundo todo, e trouxe as mais diversas consequências. Pontualmente, a festa da Folia dos Santos Reis foi impactada com esse isolamento social, visto que é uma festa que acontece nas ruas e no interior das casas. Os impactos geraram rupturas não somente no âmbito da saúde pública e na esfera econômica, como tem sido constantemente debatido nos canais midiáticos, atingindo, também, outros espaços sociais e os mais diversos aspectos emocionais.

A pandemia expôs uma dimensão da inquietação presente na existência da humanidade e, ainda, potencializou o medo do enfrentamento da perda de familiares e pessoas amigas. A fragilidade física e emocional do ser humano nunca esteve tão explícita e desnudada. Entre muitas reações, ressaltam-se as diferentes formas da espiritualidade para o enfrentamento da aproximação da morte dessa situação de confinamento e distanciamento social.

Patrícia Souza destaca em sua reflexão que as máscaras de proteção foram adornadas com motivos religiosos, e aponta que tal condição trouxe consequências para que as religiões, que são “considerados como algo privado e transcendente, são, na verdade, muito materiais, no sentido de que são colocados em contato com e por meio das práticas corporais. A interrupção de rituais e encontros para atividades religiosas provocou novas formas materiais religiosas” (SOUZA, 2020).

A mesma autora destaca ainda que “a maioria dos grupos religiosos estão inovando em resposta às demandas opostas de culto coletivo e distanciamento social” (SOUZA, 2020). Por exemplo, comunidades religiosas em todo o mundo estão realizando serviços *online*, ampliando os dados do mundo, largura de banda em determinados momentos da semana para transmitir vídeos ao vivo de modificações adequadas rituais, sermões e orações (WILDMAN et al, 2020, p.116).

As recomendações são: que durante as celebrações evite-se o contato físico, sobretudo, na saudação da paz e na oração do Pai-Nosso; a comunhão deve ser recebida, preferencialmente, na mão, escreveu a Diocese, pedindo também que idosos ou pessoas com sintomas de COVID-19 fiquem em casa (DIOCESE, 2020).

Patrícia Souza comenta que estudiosos da religião material já anunciavam a influência da mídia como mediadora na construção da agência religiosa. Meyer, citada por Souza, aborda essa questão, ressaltando que “mais atenção precisa ser paga ao papel

desempenhado pelas coisas, mídia e corpo nos processos reais de criação da comunidade” (SOUZA, 2020, p.06).

São visíveis as mudanças e as incorporações que ocorreram em função do isolamento social, e sob a face profana da festa da Folia dos Santos Reis, acompanhada por leilões de prendas, com as tradicionais queimas de fogos, visitas das casas, e com a procissão com a Bandeira dos Santos Reis. Vê-se que essa festa não tem um lugar fixo e aglutina muitas pessoas, contudo, seus membros buscam alternativas nos meios eletrônicos.

O mestre Jurandir Cândido tem ministrado aulas *online* a um grupo de 22 jovens. Toda semana o Mestre ensina os versos das toadas, a confecção de máscaras, utilizadas pelos palhaços, e em outras aulas é contada a História da Folia dos Santos Reis. Jurandir realiza também leituras bíblicas que remetem ao nascimento do menino Jesus. Certamente, nesse estudo sobre a Folia de Reis, observa-se que há uma preocupação com a transmissão oral da Folia e, pela tradição, cabe aos mestres a responsabilidade de mantê-la viva. A proposta de *lives* visa o ensino das oficinas para os jovens aprendizes, e foi considerada uma das respostas às circunstâncias atuais, verificando-se, então, uma materialidade atualizada da festa. O Mestre Jurandir tem um projeto de trabalhar com as crianças em situação de rua, mas no momento foi paralisado. As adaptabilidades vão se revelando enquanto os foliões percebem a impossibilidade da realização da festa com todas as suas etapas.

No mês de setembro, a proposta que surgiu foi a realização de uma feijoada *delivery*, e o dinheiro angariado nesta ação foi destinado para a organização da festa. Até mesmo aquele momento especial e solene do encerramento da Folia se deu através de uma festa. Há uma proposta, que surgiu na roda de conversa, e está sendo amadurecida entre os foliões, que é a de realizar um momento da oração do terço na sede da Folia, para os pedidos e os agradecimentos, na presença da Bandeira.

O Mestre, Contramestre, dona Maria Rodrigues (coordenadora da Bandeira), os festeiros e alguns foliões concordaram com a proposta. Assim, esse momento seria filmado e compartilhado em rede, tendo como alternativa o uso de tecnologia para a realização da cerimônia virtual, que, nas palavras de Jurandir Cândido, ficou sendo considerado “um meio para não deixar o dia de Santos Reis passar vazio”. Senhor Laurindo Rosa Santos, folião que desde menino conhece e participa da Folia dos Santos

Reis, hoje, com 75 anos, ao falar sobre a festa emociona todos os presentes. Sua voz entrecortada pelo choro, lamenta não realizar as Jornadas Sagradas: “para mim, a Jornada é maravilhosa. Essa correria toda eu vivo há mais de 50 anos. Começa com o Bingo para a gente fazer a festa em janeiro; e esse dezembro não terá festa, esse sentimento de fé, esse momento religioso. O grupo da Folia de Reis ajuda outras famílias e não poderemos ajudar ninguém (Entrevista em 06/11/2020).

Lindalva aduz que: “estamos entristecidos, não sabemos o que fazer, mas nada é impossível para Deus. No momento certo Ele mesmo vai fazer, não podemos fazer o cortejo e nem ir às casas; meu pai, antigo Mestre Mário Cândido, dizia que o próprio Santo Reis direciona.”

Após a fala de seu Laurindo, folião antigo, fez-se um silêncio e, após pensar por um instante, ele continuou sua fala, afirmando que “a fé nos fortalece. A Bandeira dos Santos Reis nos cura. Mas todos nós acreditamos no poder milagroso dos Santos Reis”. A Folia dos Santos Reis é uma manifestação cultural que não pode ficar desconhecida, sendo de vital relevância sua revalorização enquanto cultura popular e um modo de vida dos moradores do Morro do Abrigo. A raiz do compromisso de cada folião é a fé e a devoção.

Considerações finais

Este trabalho de pesquisa buscou esclarecer os significados da festa da Folia dos Santos Reis do Morro do Abrigo, com o propósito de compreender as articulações entre a manifestação religiosa popular e o momento de confinamento social atual. Os moradores do Morro do Abrigo são pessoas que se relacionam direta ou indiretamente com a Folia de Reis. As gerações mais novas são filhos e netos que abrem as portas de suas casas para receber a bandeira.

Procurou-se nesta pesquisa acompanhar o objeto selecionado, a Bandeira da Folia, percebendo-a em seus diversos significados adquirindo aquilo que Igor Kopytoff, chamou de “biografias culturais”.

No desenvolvimento da pesquisa, observou-se que ao falar da Folia dos Santos Reis, os entrevistados destacaram que a festa é advinda dos avôs, pais e familiares. Sendo assim, é possível afirmar que o ritual da Folia dos Santos Reis cumpre o importante papel de reunir antigos e novos moradores do lugar. E, ao encontrar os amigos, reviver as

saudades, ativar a memória que foi construída pela coletividade, reavivam-se também os valores e crenças que são uma tradição identitária. Isso se dá porque o tempo presente representa a continuidade do passado e a esperança do futuro.

Destaca-se que a comunidade procura preservar aquilo que lhe é próprio, que é reconhecido por ela como um bem, o qual possui valor identitário. Neste sentido, observa-se que, para o grupo de foliões, salvaguardar essa festa religiosa popular é prioridade. Pôde-se verificar o esforço realizado pelo Mestre Jurandir Cândido que, semanalmente, produz vídeos com aulas para seus jovens aprendizes, sendo um exemplo do uso da comunicação religiosa mediada pelo computador. Concordamos com Patrícia Souza: a crença é um imaginário compartilhado, um conjunto comum de práticas que estruturam a vida em termos estéticos poderosos.

A autora Birgit Meyer entende que a mídia é intrínseca, e não oposta à religião, e desempenha um papel em amplas práticas religiosas de mediação que conectam os humanos com o divino, espiritual ou transcendental. Essa é uma nova e estimulante perspectiva que nos ajuda a compreender o novo papel da religião em nosso tempo.

O grupo envolvido na festa da Folia busca enfrentar o problema do confinamento social, pautado numa espécie de relação entre eles e os seres divinos, inspirados na fé que manifestam no menino Jesus e nos Santos Reis. Aqui reside a contribuição que nosso artigo pretende dar aos estudos de religião, cuja fé é fortalecida em tempos de crise, visto que aproxima as pessoas da religião. Nas entrevistas, essa fé foi se desvelando. Uma fé que, como foi observado ao longo da pesquisa, inspira uma reciprocidade onde promessas transformam-se em bênçãos, proteção, e recompensas para aqueles que creem e cumprem suas promessas com os Reis Magos.

Para a comunidade do Morro do Abrigo, não haverá Folia, não haverá procissão, a Bandeira não sairá pelas ruas do Morro e não se visitarão casas. Mas, de forma digital, no dia de Santos Reis, em 6 de janeiro, a Bandeira dos Santos Reis estará nos lares virtualmente. O grupo de foliões percebeu que o virtual se revela como uma realidade, a qual conecta pessoas fisicamente distantes em solidariedade material e em compartilhamento de saberes, portanto, esta é uma forma de dar continuidade àquele bem identificado como relevante pela comunidade.

A crise que vivemos atualmente com a pandemia global do coronavírus é um exemplo dramático, e bastante negativo, da natureza interligada das sociedades humanas.

Explorar como as religiões são redes materiais por si mesmas é uma oportunidade para que os estudiosos da religião material contribuam com algo importante para o estudo material da sociedade.

De modo geral, a promessa é realizada em situações limites, quando a vida, a sobrevivência, os laços afetivos ou comunitários estão em jogo. Então, a ajuda solicitada não é advinda somente de Deus, mas, sobretudo dos santos. Desse modo, se estabelece uma ligação de compromisso, fidelidade e reciprocidade.

Referências bibliográficas:

APPADURAI, A. (Org.) *A vida social das coisas - As mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Tradução Agatha Bacelar. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense. Série Antropologia e Ciência Política, v. 41. 2ª edição, 2021.

ASAD, T. Toward a genealogy of the concept of ritual. In: *Genealogies of the Religion: discipline and reasons of Power in the Christianity and Islam*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1993, p.55.

BITTER, D. Bandeiras e máscaras: sobre a relação entre pessoas e objetos materiais nas Folias de Reis. *A alma das coisas: patrimônio, materialidade e ressonâncias*. 2013, p.137.

BRANDÃO, C.R. *O saber, o cantar e o viver do povo*. São José dos Campos/SP: Centro de Estudos da Cultura Popular: Fundação Cultural Cassiano Ricardo. 2009, p.15.

CABRAL, I.J.. A Materialidade da fé: sacralização dos objetos nas Folias de reis de Itaguari – GO. *Revista Mosaico*. ISSN 1983-7801. Revista de História, Goiânia, v. 12, pp.04-285, dez. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.18224/mos.v12i1.7393>. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/7393>> Acesso em: 17 nov. 2020.

DE VRIES, J. P. M.L. *Keltische Religion. Die Religionen der Menschheit 18*. Stuttgart. 1961, p.86.

DIOCESE DE SANTOS. *Protocolo Diocesano para as Celebrações dos Sacramentos com participação dos fiéis*. Decretos e Nomeações, Notícias da Diocese. Orientações e normas diocesanas para os Sacramentos. Publicado em 28/07/2020. Disponível no site: <http://diocese-sjc.org.br/protocolo-diocesano-para-as-celebracoes-dos-sacramentos-com-participacao-dos-fieis-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19/>>. Acesso em: nov. 2020.

DURKHEIM, E. *As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulinas. 1989, p.456.

G1 VALE DO PARAÍBA E REGIÃO. Justiça suspende missas no Santuário Nacional de Aparecida por causa do Coronavírus, SP. Publicado em 14/03/2020. Disponível no site: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2020/03/14/justica-suspende-missas-no-santuário-nacional-de-aparecida-por-causa-do-coronavirus-sp.ghtml>>. Acesso em: out. 2020.

GELL, A. *The art and agency. An anthropological theory*. Oxford University Press,

Oxford: Clarendon, 1998.

MEYER, B. Religião Material: como as coisas importam. In: GIUMBELLI, E.; RICKLI, J.; TONIOL, R. (org.). *Como as coisas importam: uma abordagem material da religião*. Textos de Birgit Meyer. Porto Alegre: UFRGS. 2019, pp. 09-111.

GODELIER, M. *O Enigma do Dom*. Trad.: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

GOSDEN, C. e MARSHALL, Y. The Cultural Biography of Objects. *World Archaeology*, vol. 31, No. 2, out de 1999, pp. 169-178. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/125055>>. Acesso em: set. 2020.

GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, I.; KANTOR, I. (Ed.). *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*, volume II. São Paulo: EDUSP/FAPESB/Imprensa Oficial, 2001, p.972.

INGOLD, T. Against Materiality. In: INGOLD, T. *Being Alive: Essays on Movement, Know and description*. Londres/NY: Routledge, 2011, p.19-32

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico. *IPHAN amplia lista de Patrimônio Cultural do Brasil*. Publicado em 10 de dezembro de 2010. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/3156>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

KNOTT, K. *Spatial theory and method for the study of religion*, Temenos, Volume 41 (2), 153 - 184. University of Leeds, 2005.

MAUSS, M. *Sociólogo e Antropólogo*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MORGAN, D. *The sacred gaze. Religious visual culture in theory and practice*. Los Angeles: University of California Press. 2005.

MS, 2020. Ministério da Saúde. O que é COVID-19. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>>. Acesso em: 03 nov. 2020.

RESSURREIÇÃO, R. D. *São Sebastião: transformações de um povo caiçara*. São Paulo: Humanitas, USP/SP, 2002.

RIOS, S. Os cantos da festa do Reinado de N. Sra. do Rosário e da Folia de Reis. *Revista Sociedade e Cultura*, v. 09. Número 01. Jan/junho, 2006, pp.65-76. Universidade Federal de Goiás. Goiânia. Disponível no site: <<http://redalyc.org/articulo>>. Acesso em: out. 2020.

SOUZA, P. R. Protection masks with religious motifs: COVID-19 produces new religious materiality. *International Journal of Latin American Religions*. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s41603-020-00117-z>>. Acesso em: set. 2020.

STUMP, R. W. 1951. *A geografia da religião: fé, lugar e espaço*. Estover Road, Plymouth PL6 7PY, Reino Unido, 2008: Rowman & Littlefield Publishers, Inc. 1951, p.222.

WILDMAN, W. J.; BULBULIA, J.; SOSIS, R.; SCHJOEDT, U. *Religion and the COVID-19 pandemic*. *Religion Brain Behav* 10(2):115-117, 2020. <https://doi.org/10.1080/2153599X.2020.1749339>